

O mundo (da moda) nas pranchas de Vecellio

ISABEL GARDENAL
bel@unicamp.br

A obra *De Gli Habiti Antichi, Et Moderni Di Diuerse Parti Del Mondo*, do pintor e gravador italiano Cesare Vecellio (1521-1601), é uma das primeiras antologias sobre o vestuário ocidental e não ocidental, que originou o gênero de publicação de *costume books* (“livros de vestuário”). Ela mostrou especificamente que a sociedade veneziana era normatizada, escalonada e que o vestuário era uma linguagem simbólica com códigos estritos que precisavam ser cumpridos à risca. “A partir deles, conseguia-se ler as pessoas”, conclui a historiadora da arte Larissa Sousa de Carvalho em sua pesquisa de mestrado, desenvolvida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH).

Segundo Larissa, Vecellio teve suma importância como historiador ao delinear uma história do vestuário, como cronista ao relatar e descrever os aspectos mais notórios de Veneza (a fim de honrá-la) e como etnógrafo ao olhar para outros continentes com imparcialidade, não fazendo juízo de valor. “Dedicou a Veneza quatro imagens da Piazza di San Marco. Era um ‘campanalista’”, define.

O artista nasceu na região de Pieve Di Cadore e teve uma carreira frutífera, recebendo muitas encomendas públicas dos admiradores de sua arte. Envolveu-se com a pintura, a decoração de livros e com o campo da impressão, utilizando a técnica de xilogravura (entalhe em madeira de figuras ou formas). Era primo do pintor Ticiano, maior expressão da arte veneziana do Renascimento.

Paralelamente a essa atividade, fazia a produção dessa primeira obra, que lhe conferiu notoriedade, ao mesmo tempo que lhe custou mais de uma década. Este foi um feito da fase madura, de 1590, cuja fortuna crítica de sua recepção ainda é mínima no Brasil.

Ele afirmava que, se a obra tivesse boa aceitação, acrescentaria novas pranchas. Foi o que aconteceu. Oito depois, publicou a segunda edição, que incluía 88 pranchas, dentre as quais 20 dedicadas à América – *Habiti Antichi Et Moderni Di Tutto Il Mondo*.

Além de representar os trajes do mundo todo, a obra fala sobre dieta, geografia e costumes dos povos. Em algumas pranchas, associava curiosidades das nações.

O fato de Veneza receber viajantes de todas as partes facilitou a representação das diferentes nações, acredita a mestrande, porque as pessoas circulavam muito pela cidade e, nas paradas, difundiam os hábitos de suas pátrias.

No trato com mercadores, Vecellio reproduzia as imagens das indumentárias do mundo conhecido então. Fazia obras pictóricas, algumas em prédios públicos da cidade de Cividali di Belluno, e trabalhos religiosos em sua maioria, quicá pela efervescência do momento, com a Santa Inquisição pontificando no século 16.

Como veneziano, a religião era recorrente em suas pranchas. Em duas delas chegou a mencionar Martinho Lutero, tido precursor da reforma protestante e a quem não via com bons olhos.

Por outro lado, não era fechado a ideias e não defendeu a supremacia europeia. Valorizava o próximo e fazia uma visão positiva da América, teor abordado na dissertação de Larissa, na qual ela discutiu essa relação de alteridade.

Vecellio fez sua própria leitura de mundo. Enquanto outras representações criavam cenários e exotismo, retirou-os, aproximando as pessoas e tornando-as compreensíveis ao público europeu. Eram mostradas do mesmo modo que o veneziano.

Seus trabalhos divulgavam homens e mulheres, e um pouco menos crianças e animais, sempre acompanhados dos adultos. Retratavam viúvas com semblante de pesar, e prostitutas apareciam cobertas e/ou com cachorros personificando a fidelidade.

Apesar de lidar com xilogravura, o artista não foi o autor

dessas gravações, e sim dos desenhos. Cogita-se, em seu lugar, o nome de Cristóforo Guerra para a primeira edição, o mesmo artista que gravou *Vida dos Artistas*, obra de Giorgio Vasari.

Mas mesmo os desenhos às vezes partiam de outros artistas, fato que Vecellio deixava claro porque, para ele, a veracidade da obra era fundamental, reforçando a sua rede de relacionamentos artísticos. Ele difundia: “nessa obra me inspirei nos mosaicos da Basílica de São Marcos.”

O veio artístico era familiar e, com o primo Ticiano, participou de algumas empreitadas. Contudo, nunca realizou grandes incursões fora da Itália e Alemanha. Parte de sua obra está na cidade de Cividali di Belluno e no Museu Correr, em Veneza.

A segunda versão de sua obra também está disponível em microfichas na Unicamp, na Biblioteca Ciconnara. Nela, o artista reduz a parte textual e acrescenta uma tradução em latim. Era o que faltava para atingir o grande público. Quando isso ocorreu, a versão circulou pela Europa, atraindo novos leitores.

Na versão de 1664, tentaram atribuir autoria a Ticiano, para angariar leitores. Eram só imagens e um texto sumário, cerca de quatro linhas. A obra ganhou novas matizes na medida do interesse da época.

Soube-se de uma versão de 1859-1860, feita pelo tipógrafo Firmin Didot, da dinastia Didot. Não se tratava mais de gravuras em madeira. Ele fazia incisão em metal. Tal versão está na Biblioteca Central da Unicamp, seção de Obras Raras. Larissa propôs uma tradução parcial do conteúdo das edições originais para uma versão portuguesa – inédita e comentada.

RELICÁRIO

Para divulgar Vecellio no país, Larissa precisou compreender o seu projeto, a sua obra e dar-lhe visibilidade. Sua intenção foi fomentar pesquisas sobre esse artista múltiplo, que morreu aos 80 anos.

O seu legado foi a sua arte imparcial, comenta ela, que é tão ampla que pode ser vista de várias formas e interessar a muitos campos, não uma simples contribuição ao vestuário, mas à Antropologia, à História, à História da Arte, entre outros.

Um traço do autor foi ter agregado comentários densos sobre o vestuário e o que não podia ser visto na imagem (como as roupas de baixo e as variações sazonais), bem como uma terminologia peculiar e vocabulários de um conhecedor. Citava alguns tecidos da época, como o *ormesino* (seda leve), o *brocadello* (seda ou linho com relevo), *damaschino* (padrão têxtil em arabescos florais de ouro ou seda), entre outros.

Outra peculiaridade é que Vecellio fez uma história do vestuário. Começou na Roma Antiga representando os militares e as romanas trajando o paludamento (tipo de capa militar presa ao ombro). Historiou até chegar ao século 16, quando foi editada sua obra. Fez cronologias, a geografia das nações e destacou aspectos sociais, partindo do homem e da mulher nobres, descendo aos escravos e órfãos.

Foi aí que Larissa constatou que a sociedade veneziana era normatizada e escalonada, com códigos que deviam ser seguidos à risca. A viúva veneziana que quisesse contrair novas núpcias, por exemplo, tinha que usar joias e descobrir uma parte dos cabelos. Quem conhecia essa simbologia sabia que ela estava disponível. Era a semiologia do vestuário.

A atualidade dessa obra, opina a autora, é que a sociedade moderna ainda segue padrões de moda e que a roupa está sempre mudando. Vecellio tenta elucidar isso em seus

Publicação

Dissertação: “De Gli Habiti Antichi, Et Moderni Di Diuerse Parti Del Mondo (1590) de Cesare Vecellio: tradução parcial e ensaio crítico”

Autora: Larissa Sousa de Carvalho

Orientador: Luiz César Marques Filho

Unidade: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)



Imagens: Reprodução

costume books. O que registra era assumido como estereótipo daquela figura, porém entende que isso não é possível. Sabe que a roupa vai modificar e que sua tarefa é interminável ao tentar fixar o mutável.

INVESTIGAÇÃO

A dissertação de Larissa, orientada pelo docente do IFCH Luiz César Marques Filho, analisou cada uma dessas questões. No primeiro capítulo, discutiu a visão do artista sobre o antigo, o moderno e a mudança em relação aos trajes.

Vecellio descreveu a imagem de uma outra obra dessa época (criada por Hans Weigel e Jost Amman) em que os quatro continentes estavam representados: a Europa, a Ásia, a África e a América. Algumas eram desvendadas rapidamente, como o índio com vestes sumárias, o africano com túnicas e o asiático com turbante na cabeça.

O europeu era representado nu, carregando uma peça de tecido e uma tesoura na mão, por seu vestuário ser efêmero. Era o alfaiate de si mesmo, não tendo um exemplar que o definisse.

No segundo capítulo, recordou os tipos sociais de Veneza: o doge, a virgem e a cortesã; e como essas figuras tinham a ver com os valores atribuídos à própria cidade. A virgem veneziana reproduzia a virgindade de Veneza, nunca saqueada e nem conquistada.

Em contraposição a ela, aparecia a cortesã, que era a própria luxúria. E, por mais que se pense que fosse uma figura marginal à sociedade, era central. Em Roma, tentaram banila sem êxito. Ainda é muito presente.

As leis suntuárias de Veneza – que regulavam hábitos de consumo, para restringir o luxo e a extravagância – eram suspensas nas festividades, para que, nas vestes femininas, a própria beleza e a riqueza da cidade se refletissem para os visitantes.

No terceiro capítulo, Larissa destacou o artista e a alteridade. É como ele se posicionasse ante as sociedades que não tinham informações tão confiáveis. Falava por meio do relato de terceiros, daí a relação dele com os turcos e outros países. “Quando a Europa conheceu esse novo mundo, compreendeu que ela era o velho.”

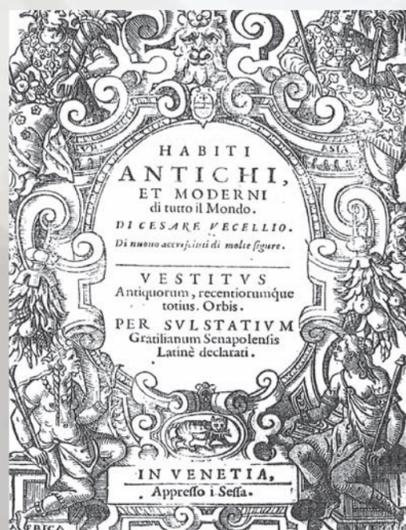
A pesquisadora escolheu o assunto porque pretendia fazer na graduação um curso de Moda. Fez História da Arte e procurou traçar um paralelo entre arte e vestuário. Fez os cursos de Corte e Costura, de Desenho de Moda e uma exposição desses desenhos, buscando complementar o conhecimento.

No doutorado, deve prosseguir estudando Vecellio e 11 artistas da segunda metade do século 16, dentro do gênero de livros de vestuário. Isso para compreender a recepção dessa obra e de outras que vieram pouco antes. Deseja saber por que alguns autores atribuem a esses artistas o mesmo gênero literário sendo que suas obras se distinguem.

Alguns incluem mapas, uma visão da cidade e o vestuário. Outras obras são mais próximas de uma literatura de viajantes. Outras ainda apresentam só imagens. “Vou problematizar esse gênero e gostaria de agendar uma ida à Itália”, conta Larissa, que precisou compreender a anatomia da obra, aprofundar questões e entender o projeto de Vecellio e o seu contexto.

No mestrado, Larissa recebeu uma bolsa Santander, quando viajou para a Princeton University, EUA, para ter contato com a primeira edição da obra do italiano, que apresentava o conteúdo textual na íntegra.

A segunda versão ela conheceu inicialmente por microficha. As imagens ficavam no lado esquerdo, cercadas por molduras. À direita, aparecia uma descrição que se limitava a uma prancha, na metade de uma folha. Outra metade continha a tradução para o latim.



Capa de “De Gli Habiti Antichi, Et Moderni Di Diuerse Parti Del Mondo” e desenhos de Vecellio no alto e no canto da página, à direita: precursor



Foto: Antonio Scarpinetti



A historiadora da arte Larissa Sousa de Carvalho: Vecellio fez sua própria leitura de mundo